

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

DENIS JEAN

Orientadora: Dra. Solange Maria Alves

**MOTIVAÇÃO PARA APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUN-
DAMENTAL À LUZ DA ESCOLA DE VIGOTSKI.**

Chapecó (SC), junho de 2023

DENIS JEAN

MOTIVAÇÃO PARA APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, À LUZ DA ESCOLA DE VIGOTSKI.

Trabalho de Conclusão do Curso de pedagogia-TCC II, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - *Campus* Chapecó (SC), como requisito para o CCr e para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Prof.^a Orientadora: Dra. Solange Maria Alves

Chapecó, junho de 2023

DENIS JEAN

TÍTULO:

MOTIVAÇÃO PARA APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, À LUZ DA ESCOLA DE VIGOTSKI.

Trabalho de conclusão do curso de pedagogia-TCC II, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - Campus Chapecó (SC), como requisito para o CCR e para a obtenção do grau de licenciado em pedagogia.

Prof.^a orientadora: dra. Solange Maria

Alves Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br SOLANGE MARIA ALVES
Data: 14/07/2023 15:40:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Solange Maria Alves

Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br JANE TERESINHA DONINI RODRIGUES
Data: 17/07/2023 15:55:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Jane Donini Rodrigues

Avaliador

Documento assinado digitalmente
gov.br AMANDA TRINDADE CASTRO DA SILVA
Data: 17/07/2023 21:03:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Em educação Amanda Trindade Castro e Silva
Avaliador

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO. EU, MEUS MOTIVOS E O MÉTODO | 5 |
| 1.1 SOBRE O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 7 |
| 2 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: ELEMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM | 8 |
| 3 ATIVIDADES: CONCEITO, ESTRUTURA E IMPLICAÇÕES PARA A ESCOLARIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. | 10 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS. | 13 |
| REFERÊNCIAS | 15 |

RESUMO

O presente texto é fruto de pesquisa bibliográfica realizada como parte de desenvolvimento de pesquisa sobre o tema da motivação para aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental que, por sua vez, compõe o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó (SC). Ancorado na teoria histórico-cultural (THC) de desenvolvimento humano, o trabalho do qual resulta este artigo, teve como objetivo principal, identificar e compreender as contribuições da THC para uma prática pedagógica motivadora. E, tem como objetivos específicos: Compreender o significado de motivo e motivação de teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano. Investigar as possíveis contribuições de Vigotski para uma aprendizagem motivadora e analisar as contribuições da teoria histórico-cultural para pensar e organizar prática de ensino-aprendizagem. Em termos metodológicos, como já mencionado, o alcance do objetivo proposto se deu, neste momento, pela pesquisa bibliográfica, por meio de estudos e reflexões sobre temas em autores como: Lev Vigotski, Alexei Leontiev e Alexander Luria, que são as matrizes da THC. Além desses foram estudados comentadores como: Marta Khol de Oliveira, Teresa Cristina Rego, Marilda Gonçalves Facci, Ligia Martins e outros não menos importantes. Nossos resultados apontam para a necessidade de aprofundamento e compreensão de conceitos como: motivo, atividade e estrutura da atividade para a THC, atividade de ensino-aprendizagem motivadora como atividade ligada a um motivo compreendido como necessidade ou demanda real que emerge da prática social dos sujeitos escolares, no caso, crianças. Em termos conclusivos, os estudos realizados, ancorados na THC, sugerem um olhar crítico sobre a motivação para aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, para além de visões ingênuas.

Palavras-Chave: Motivo e motivação para aprendizagem. Teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano. Atividade de ensino e atividade de aprendizagem. Anos iniciais do ensino fundamental.

1 INTRODUÇÃO. EU, MEUS MOTIVOS E O MÉTODO

(Eu e meus motivos para esta pesquisa)

Sou um rapaz haitiano, nasci no Haiti, na cidade de Milot, em uma família pobre de seis filhos, meus pais não foram muito longe da escola, e isso corroborou, além de questões econômicas, para que não tivessem a educação como uma prioridade. Durante meu crescimento não vi papai e mamãe morando juntos; não tive a chance de ter uma infância feliz. Vivia com meu pai em uma cidade longe de minha mãe, que morava em outra localidade onde trabalhava. Hoje, compreendo que meu pai, um homem simples e caridoso, que lutava pelo sustento da família, não alcançava a importância da educação, porque ela também lhe foi negada. Naquele tempo, para nós era muito difícil ir à escola e assim reproduziu-se mais uma vez o sistema de desigualdades, em que a educação infelizmente é um privilégio.

Quis ir para a escola, porque via meus primos irem todos os dias. Quando meus primos saíam para à escola eu esperava que voltassem para brincarmos. Eu não tinha brinquedos para brincar e a escola parecia ser um bom lugar. Então meu pai tomou a decisão de me colocar na escola, fui matriculado em escola particular, não tinha muitas escolas públicas no meu bairro na época. E foi muito difícil permanecer em uma sala de aula, nós não conseguíamos pagar a escola em dia, mas, havia um professor que me deixava ficar na sala para assistir às aulas toda vez que o diretor me expulsava da classe, aqui está uma das causas para eu concluir minha educação básica com muita dificuldade.

Quando eu estava na educação básica o modelo de educação, vinculada à educação tradicional, se dava pela memorização, tenho frases que ficaram na minha memória desde então. Os campos de estudo eram, entre outros, geografia, estudo da terra e seus habitantes, também ensinavam como se orientar e buscar os quatro pontos cardeais, porém, não tenho conhecimentos práticos de geografia. Nesse período, a partir de minha vivência, compreendo que o professor não construiu com os alunos uma experiência significativa em relação ao que era ensinado, posto que a finalidade do conteúdo em pauta em determinada aula não estava relacionada de maneira significativa com a realidade dos estudantes, ao contrário, eram apenas jogados de maneira vertical, sem dar um motivo para o porquê lecionar determinado conteúdo.

Fiquei no Haiti até 2014. Nesse tempo cresci, estudei e trabalhei. Fazer universidade nesse país não é nada fácil. Tive dificuldades financeiras desde o começo, sonhei em vir para o Brasil, pois já tinha um primo que morava aqui e estudava na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Então, resolvi vir para o Brasil para cursar o ensino superior. Entrei na UFFS e

descobri pedagogia. De fato, naquele momento, essa não era a minha primeira escolha. Quando fui realizar a matrícula não pretendia cursar pedagogia, mas sim agronomia, infelizmente esse curso só existia na modalidade de tempo integral, o que o tornava inviável para mim, pois também preciso trabalhar. Logo, quando começo a estudar, caio apaixonado por ela, a pedagogia, e continuei nessa direção. Encontrei/criei motivos que me animaram a seguir. Um deles, muito importante para mim, foi a vivência da prática pedagógica no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Foi nessa vivência e nos estudos e reflexões sobre ela que percebi que precisava compreender melhor o porquê de as crianças estarem desinteressadas com as aulas.

Assim surgiu o tema e o problema deste Trabalho de Conclusão de Curso que é, também, o motivo da pesquisa e que tem origem na vivência da prática pedagógica como bolsista do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, realizada entre março e dezembro de 2019, no âmbito dos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesse período, durante as atividades de observação orientadas pelas ações do PIBID, chamou me a atenção, na sala de aula em que eu estive na condição de aprendiz de professor, um certo ritual da professora regente que se repetia dia após dia. Um ritual que iniciava, invariavelmente, com uma oração e, em seguida, migravam para o conteúdo que estava na pauta do dia, de acordo com passos metodológicos também repetidos como: escrever a data no quadro, (...). E assim se seguiu a mesma rotina, diariamente.

Não havia, da parte da docência, uma preocupação em problematizar o conteúdo, ou memo situar, articular o conteúdo com a vida das crianças. Essas eram limitadas a copiar do quadro, responder questões propostas ou preencher atividades pré-prontas. Do lado das crianças, observei que se agitavam com facilidade, se dispersavam, conversavam sobre outras coisas enquanto copiavam do quadro, se debruçavam sobre as carteiras com um ar de desânimo, de preguiça, de desinteresse. Esse contexto descrito evidencia uma escola distante, não motivadora. Então, como querer que uma criança esteja motivada para aprender se a escola não se aproxima da criança? Como mudar isso? Como gerar bons motivos para aprender na escola? O que é preciso fazer para mudar esse contexto de desânimo das crianças pela escola?

Animado por esses questionamentos, fui buscar na Teoria Histórico-Cultural da Atividade, a partir das contribuições de Alexei Leontiev e Lev Vigotski e de comentadores desses autores, elementos que, a meu ver, são fundamentais para compreender a relação entre motivo, motivação e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. É acerca dessas temáticas

que se darão os próximos tópicos deste trabalho, com o qual espero, primeiro, apreender, compreender melhor a complexidade desse tema e crescer como professor de crianças e, segundo trazer contribuições sobre o tema para outros e outras estudantes, de modo que se motivem para uma docência motivadora.

1.1 SOBRE O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos, procuro orientar a pesquisa a partir dos pressupostos do materialismo histórico-dialético, matriz de referência da teoria histórico-cultural de desenvolvimento, na qual me apoio para compreender a motivação para a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para a teoria materialista histórico-dialética, o objeto deve ser compreendido como fenômeno em movimento dialético, ou seja, em relação e em contradição. De acordo com essa abordagem, o pensamento, no decorrer dos estudos e compreensão do objeto de pesquisa, vai do sincrético (difuso, caótico, incipiente e desorganizado), passa pela análise (que se faz por abstrações e mediações) para produzir a síntese que é o conhecimento organizado do objeto de pesquisa.

Nesses termos, a investigação que está na base deste texto reflexivo, sobre o tema da motivação para a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, se organizou com base no procedimento do estudo bibliográfico de diferentes autores/comentadores dentro do escopo da teoria histórico-cultural da atividade, tendo como tarefa a construção de síntese interpretativa e compreensiva sobre o tema. Para isso, foram realizadas leituras e fichamentos tendo como base autores como: Teresa Cristina Rego, Mara Kohl de Oliveira, Ligia Marcia Martins, Marilda Facci. Além destes, foram lidos alguns textos de Marx e Engels, que são a matriz de referência da teoria histórico-cultural, e textos de Vigotski, Leontiev e Luria, que falam sobre a teoria da atividade.

É importante dizer ainda que, para a análise do objeto também me vali das anotações realizadas em diário de campo construído durante a participação como bolsista PIBID no período entre março e dezembro de 2019. É nesse contexto que se materializa o motivo da pesquisa, cujos resultados procuro trazer neste texto como Trabalho de Conclusão de Curso, na forma de artigo científico bibliográfico.

Esses estudos, orientados por categorias como: trabalho, linguagem, atividade, estrutura da atividade (motivos-operações-ações), atividade de ensino e atividade de aprendizagem, co-tejados com o diário de campo construído durante a atuação como bolsista no PIBID, compõem a base para a produção de reflexões críticas e síntese em torno do problema.

A conexão entre o que observei durante as atividades do PIBID e as primeiras leituras da teoria histórico-cultural constitui, assim, a base motivacional do estudo realizado e que aqui se apresenta na forma de artigo bibliográfico, como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciado em pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus Chapecó* – SC, organizado da seguinte forma: i.) a primeira parte introdutória, ii.) depois uma síntese produzida a partir de estudos e análises dos autores que ancoram a reflexão aqui empreendida: Lev Vigotski, Alexei Leontiev e Alexander Luria que são as matrizes do THC. Além destes, foram estudados comentadores como: Marta Khol de Oliveira, Teresa Cristina Rego, Marilda Gonçalves Facci, Ligia Martins, entre outros e, iii.) por fim, algumas considerações finais que, talvez, sejam até iniciais no sentido de que é o início de outra compreensão do objeto motriz deste trabalho.

2 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: ELEMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Um dos fenômenos que chamou minha atenção na prática docente com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, no período em que fiz parte do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência -, no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Chapecó* – SC, foi a falta de motivação das crianças para aprender. Em geral, à aula iniciava com uma oração e seguia com escritas no quadro que as crianças deveriam copiar, responder etc. As crianças, por sua vez, copiavam ao mesmo tempo que conversavam, se dispersavam ou se aquietavam. Daí, seguia sem que as crianças demonstrassem um verdadeiro interesse pelo conteúdo. Frente a isso, passei a indagar: Por que as crianças não se interessam pela atividade de aprendizagem, pelo conteúdo? Por que ficam dispersas, conversando ou caladas inertes parecendo em outro mundo apenas copiando? O que estão, de fato, aprendendo? Por que não se motivam? O que está faltando? Ou sobrando?

Essas perguntas me levaram à necessidade de compreender melhor o que estava acontecendo e a estudar, pesquisar textos, autores, teorias que ajudassem a pensar e a construir algumas respostas. Essa busca me aproximou da teoria histórico-cultural de Lev Vigotski, Alexis

Leontiev, Alexander Luria e colaboradores. Essa teoria oferece elementos para pensar a motivação para a atividade de aprendizagem escolar para além de visões individualistas, naturalistas e metafísicas de viés liberal e neoliberal que estão presentes na escola e na prática de docência.

Nesse contexto surge o meu problema de pesquisa sobre as contribuições da teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano para pensar a atividade de ensino e a atividade de aprendizagem com/para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. A seguir, passo a descrever e refletir um pouco sobre essa teoria. Como ela pensa o desenvolvimento humano e como pensa o papel da educação escolar para fomentar esse desenvolvimento. Mais especificamente, aqui, irei me ater à teoria histórico-cultural da atividade, iniciada por Vigotski e continuada por Leontiev, em que se encontram os conteúdos e argumentos para compreender a motivação para a aprendizagem e que, a meu ver, contribuem para o maior interesse e sucesso escolar das crianças. Início o texto pelos fundamentos da teoria sobre desenvolvimento humano, aprendizagem e desenvolvimento, e em seguida passo ao conceito de motivação.

Essa teoria nasceu na Rússia pelos esforços de Lev Vigotski (1896-1934), Alexei Leontiev (1903 – 1979), Alexander Luria (1902 -1977). Marcado pela orientação pós-revolucionária predominante na União Soviética, o materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, Vigotski e colaboradores encontram uma importante fonte teórica e metodológica para pensar e propor uma psicologia de base marxista.

Segundo REGO, (1995), são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que despertam o pensamento, que, por sua vez, influencia o aspecto afetivo-voluntário. Cognition e afeto não estão dissociados no ser humano, eles se interpenetram e exercem influências recíprocas ao longo da história do desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, para que ocorra o aprendizado, vários fatores devem ser levados em consideração, tais como: Valores sociais ou culturais, que podem ser determinados pelo ambiente escolar, bem como pelos professores que os ministram. Outro fator importante depende da capacidade e vontade de aprender do aluno.

Na teoria histórico-cultural, a atividade é entendida como o processo de transformação da realidade, que age criativamente em sua relutância em fazê-lo e guiada pelo ensino intencionalmente direcionado, oferece elementos de reflexão sobre a motivação da atividade escolar para aprender além da individualista, naturalista e visões metafísicas dos preconceitos liberais e neoliberais presentes na escola e na prática docente.

Rego (1995) considera o que Vigotski disse sobre a aprendizagem, dizendo que não é, em si, um desenvolvimento, mas é uma organização correta da aprendizagem da criança, leva

ao desenvolvimento mental e ativa todo um conjunto de processos de desenvolvimento, sem aprendizagem, essa ativação não poderia acontecer. Nesses termos, a aprendizagem é um processo que requer atenção especial. É essencial por parte do professor ter várias tarefas necessárias e conhecimento das necessidades das crianças nos aspectos sociais e essenciais. O educador conhece a criança através dos movimentos, do seu desenvolvimento motor e das suas fases e, através disso, trabalha com a criança aplicando atividades que colocam a necessidade de compreender a realidade de cada aluno, de forma a ajudar a desenvolver a sua capacidade criativa.

3 ATIVIDADES: CONCEITO, ESTRUTURA E IMPLICAÇÕES PARA A ESCOLARIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O conceito de atividade na psicologia soviética com base no marxismo é fundamental, de fato, permitiu realizar uma série de estudos em relação às explicações do processo de desenvolvimento humano.

Segundo Engels (1990, p. 19-29) o trabalho é a atividade vital do gênero humano, por meio desta atividade que nos tornamos humanos, o trabalho é um ato de criação, o trabalho criou o homem, que entendeu, por sua parte, que o trabalho é a própria essência do homem. A evolução da mão para Engels, é fruto de trabalho, que pela evolução conseguiu produzir instrumentos, essa ferramenta mudou as relações com o mundo. Segundo ele, a atividade humana é a principal fonte de formação da linguagem e do pensamento. Os homens se desenvolveram cada vez mais, tornando-se capazes de realizar operações complexas para atingir objetivos mais elevados. Essa relação do desenvolvimento humano se dá de forma gradativa, saber que a mão é resultado do trabalho humano, e por sua vez, o trabalho e a linguagem desenvolveram gradualmente o cérebro e, portanto, os órgãos dos sentidos. O cérebro começa a acelerar seu desenvolvimento graças à capacidade de abstração e raciocínio recebida pelos sentidos que influenciaram o trabalho e a linguagem em seu aperfeiçoamento.

Para a escola de Vigotski, há uma atividade principal para cada etapa do desenvolvimento humano. A saber, à criança recém-nascida, à criança, à criança pré-escolar, à criança escolar, para o jovem e para o adulto. Facci (2004), a partir de Elkonin (1987) diz que, a periodicidade do processo de desenvolvimento, nesta perspectiva, é compreendida na forma do tipo de atividade predominante em cada período do desenvolvimento humano, sendo que, cada uma dessas atividades deve seguir uma sequência da atividade principal. Segundo Elkonin, “os principais estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam são: comunicação emocional

do bebê; atividade objetal manipulatória; jogo de papéis; atividade de estudo; comunicação íntima pessoal; e atividade profissional.” (FACCI, 2004, p. 67). Assim, de acordo com a autora citada, desde tenra idade, já o bebê recém-nascido começa a aparecer cada vez mais comportamentos que têm origem nas relações sociais onde a criança está inserida, e é esse processo que vai fazer dessa criança um ser humano. Nesse percurso de desenvolvimento, mediado pelas relações sociais, há diferentes atividades principais, ou seja, diferentes modos de como se dá a relação do ser humano com o meio social.

Nesses termos, segundo Facci (2004) baseada em Elkonin (1987), na primeira infância há dois períodos importantes com atividades principais distintas: a do bebê recém-nascido cuja atividade é de caráter comunicacional-emocional; e num segundo momento, a do bebê um pouco maior em que a atividade é objetal-instrumental. Em seguida, no período denominado pré-escolar a atividade principal passa a ser a brincadeira e os jogos. No período escolar a atividade principal é a do estudo. Já a adolescência é marcada pela atividade da relação íntima pessoal num primeiro momento e num segundo a atividade profissional de estudo. A vida adulta pela atividade do trabalho na relação com a atividade de estudo.

É importante sublinhar que essas atividades principais não são momentos estanques, e que a predominância de uma atividade não quer dizer inexistência de outras, mas apenas que esta é a dominante num dado tempo e as demais estão, de certo modo, secundarizadas, mas presentes. Assim, uma criança recém-saída da pré-escola e ingressada na escola muda de atividade principal, mas a brincadeira não deixa de estar presente. Apenas não é mais a atividade dominante. Isso me interessa muito, porque é nesse tempo do desenvolvimento humano que se instala o motivo deste estudo que procura compreender como motivar a criança para a aprendizagem escolar na perspectiva histórico-cultural.

Leontiev, (1947/1978 *apud* LOURENÇO DA SILVA, 2013) afirma o papel da atividade como base para a estruturação e evolução do reflexo psíquico. Mostra tanto a natureza do reflexo psíquico radicalmente transformado da fé quanto a natureza da própria atividade prática (e não apenas sua estrutura, que também muda no processo evolutivo). Na teoria histórico-cultural, a atividade é entendida como o processo de transformação da realidade por uma pessoa, também transformada por ela, que age criativamente em sua relutância em fazê-lo e guiada pelo ensino intencional de outros com mais experiência cultural.

Para Davidov, (1999) a atividade de desenvolvimento é um processo intencional direcionado para a construção de um produto final, material ou espiritual, que responda a uma necessidade interna, é a razão que o torna diferente de todos os outros. Segundo este autor, a

atividade desempenha um papel importante no processo de desenvolvimento mental, quando a criança começa a se apropriar dos rudimentos das formas mais desenvolvidas de consciência social, ou seja, ciência, filosofia, arte, moral, direito.

Para Facci (2004), Leontiev (1998) acredita que durante seu desenvolvimento, a criança começa a perceber que o lugar que ocupa no mundo das relações humanas que a cercam não corresponde ao seu potencial e ela tentará mudá-lo, o que a levará a uma contradição explícita entre esses dois fatores. Ele toma consciência das relações sociais estabelecidas, o que leva a uma mudança na motivação para sua atividade, surgem novos motivos, que o levam a uma reinterpretção de suas ações anteriores.

De acordo com Mara Eidt (2007) os alunos não criam os conhecimentos científicos, mas eles se apropriam no processo de atividade de estudo. Nesse processo, são desenvolvidas em cada ação individual as experiências experimentadas em decorrência ao conteúdo a ser apropriado, por meio das quais são reproduzidos os produtos espirituais da cultura humana.

Segundo Bortolanza (2021), o sujeito se constitui como personalidade humana na e pela atividade que exerce. Imerso no universo dos objetos socialmente desenvolvidos, que envolvem as ações humanas, na dinâmica contraditória da realidade, a criança sente, aos poucos, a necessidade de compreender as modalidades dessas ações, para poder participar ativamente do processo de humanização. Para isso, deve apropriar-se do conhecimento desenvolvido pela humanidade, o conhecimento científico, e objetificá-lo como meio de ampliar sua compreensão sobre a vida que os cerca.

Davidov, (1999, *apud*, Bortolanza, 2021), afirma que a atividade de estudo consiste em um conjunto de elementos específicos que provocam a formação e o desenvolvimento do pensamento abstrato na criança e permitem o aprendizado de uma metodologia científica para pensar e estudar a partir da transformação de aprendizado que ela experimentou. E, para Barbosa Franca (2009) a atividade de aprendizagem é considerada como um componente da atividade humana, orientada para a aquisição não só de conceitos, generalização, análise, síntese, raciocínio teórico, raciocínio lógico, mas também para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, subjetivo e aspectos sociais. Esta autora prossegue afirmando que, ainda que guarde suas características particulares, uma vez que a atividade de aprender está ligada à produção de conhecimento, não se pode considerar que a construção do conhecimento possa ser concebida como algo desvinculado da forma como os seres humanos se relacionam uns com os outros. Assim, diz a

mesma autora que, a produção de ideias, representações sociais, consciências e teorias está diretamente ligada à atividade prática do ser humano, ao mesmo tempo em que assegura as condições necessárias para a satisfação de suas necessidades existenciais.

Para Leontiev, (1978, p. 268) apud Mara Eidt, (2007) do ponto de vista didático-pedagógico, é necessário que o professor tenha clareza sobre os aspectos essenciais do conteúdo ministrado, a partir daí ele poderá buscar maneiras mais adequadas de fazer o ensino, de forma a focar a atenção do aluno nos aspectos reprodutivos e nas características essenciais da atividade. Mara Eidt (2007) fez uma abordagem ao dizer que: Mobilizando um determinado tipo de atividade, de uma forma ou de outra, o professor deve refletir sobre os processos psíquicos para uma compreensão profunda, verifique primeiro, se a metodologia utilizada nesta atividade é consistente com o seu motivo por que, segundo Leontiev (1975), citado por Eidt (2007, p. 203), diz que:

[...] um conteúdo realmente conscientizado é aquele que se manifesta diante do sujeito como objeto para o qual está diretamente dirigida sua ação. Em outras palavras, para que um conteúdo possa ser conscientizado é mister que este ocupe dentro da atividade do sujeito um lugar estrutural de objetivo direto da ação e, deste modo, entre em uma relação correspondente com respeito ao motivo desta atividade. Este postulado tem validade tanto para a atividade interna como para a externa, tanto para a prática como para a teórica.

De tudo, me parece, fica evidente que a motivação para aprender um conteúdo está diretamente vinculada às vivências da criança com um dado objeto de aprendizagem. Ou seja, o conteúdo deve, de algum modo, estar relacionado com a vida da criança. O que significa que a ação docente precisa se ocupar de mediar o estabelecimento de vínculos entre o conteúdo e a ação da criança no âmbito da sua vivência como ser histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu da motivação para estudar e compreender a falta de motivação das crianças para aprender conteúdos escolares. Logo, o motivo que me animou para este TCC é a falta de motivo das crianças, observada durante a vivência com o trabalho docente, orientada pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID. A partir dessa questão, o estudo pautou-se pela teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano, mais especificamente pela Teoria da Atividade que é uma tendência dentro da teoria histórico-cultural, cuja preocupação

central é a atividade de aprendizagem na relação com a atividade de ensino compreendida como fonte de desenvolvimento humano.

Para esta teoria, a aprendizagem escolar é propulsora de desenvolvimento de funções superiores de pensamento como: atenção voluntária, memória lógica, imaginação, criação, percepção. Para que tais funções se ampliem pela mediação da ação docente e do conhecimento escolar é preciso que haja ‘motivos’ para aprender. E, o motivo para aprender é gerado na relação conteúdo escolar — vida da criança, isto é, suas vivências, sua experiência como ser histórico ativo, vivente numa comunidade cultural, com valores, sentimentos e emoções. Assim, as emoções são consideradas produtos daquilo que, na vivência dos sujeitos, os afeta, ou seja, faz sentido para eles. A escola e a atividade de ensino devem estar atentas a esse movimento para gerar motivação para aprender.

O motivo para aprender é a possibilidade de construir significados reais em meio a aprendizagem de um determinado conteúdo. Nesse sentido, um professor precisa relacionar o conteúdo estudado com a vida da criança e com a realidade que a circunda. Problematize com ela, desafie-a a pesquisar, argumentar, construir seu próprio texto, apresentar, etc. Ou seja, a motivação para aprender está relacionada à necessidade de encontrar motivos para ensinar o conteúdo. E essas razões estão na vida da criança. Por isso, de nada adianta o professor ser “bonzinho” se não fizer do conteúdo uma forma de entender a vida e a si mesmo para a criança.

Nós professores não vamos consertar o trauma de uma criança, mas podemos ajudar muito se organizarmos estratégias que conectem o conteúdo com a experiência da criança. E se considerarmos essa criança, efetivamente capaz de produzir, capaz de pensar, capaz de expressar seu entendimento, mediado pelo conhecimento. Vygotsky, citado por Rego (1995), afirma que isso favorece situações que estimulem a curiosidade das crianças, que permitam a troca de informações entre os alunos e que permitam a aprendizagem de fontes de acesso ao conhecimento.

Como vimos, a ideia do ensino não é prescrever atividades e pedir ao aluno que responda apenas a determinados estímulos. Quando o espaço escolar é agradável e acolhedor tanto para o aluno quanto para o professor, podemos dizer que isso contribui para o bom andamento das atividades. A meu ver, essa teoria muito contribui para compreender as razões da desmotivação das crianças para aprenderem. Muito ainda tenho de estudar e aprofundar para compreender ainda melhor e seguir pesquisando. Mas acredito que este seja um bom caminho.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL PUREZA, Rodrigues Tenório, **Motivação para a aprendizagem: Um estudo em turma dos anos iniciais do ensino fundamental no Marajó- Pará.** Publicado em 08 de novembro de 2016.

ASAMI; CAITANO; SILVA; RYLO; PONTES; SILVA. **Motivação escolar – a expectativa dos alunos em relação à escola. São Paulo 2015.**

BÁRBARA FRANCO. **A atividade de aprendizagem: desde sua origem até algumas de suas implicações. Psicol. educado** nº 28 São Paulo jun. 2009.

BORTOLANZA, Corrêa. **Organização da atividade de estudo das crianças na escola: conceitos e princípios metodológicos essenciais,** Ano: 2021 | Volume: 5 | Número: 3.

DAMIANE, Floriana. **A teoria da atividade como ferramenta para entender o desempenho de duas escolas de ensino fundamental,** anos: 2006.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macacão em homem.** 4ª ed., São Paulo: Global Editora e distribuidora, 1990.

FACCI, Marilda G. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski.** In.: CADENOS CEDES, vol. 24, nº 62, pags. 64-81, Campinas (SP): 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/> Acessado em julho de 2022.

MAIESKI, **Motivação de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental: Um estudos com alunos Brasileiros e chilenos,** Londrina 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã. São Paulo:** Boitempo, 2007.

MORAES; SIMONETT. **A motivação para a aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017. E – 4814.**

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.

REGO, Teresa Cristina . **Vygotsky: uma concepção histórico-cultural da educação.** Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.

SILVA; LIBÂNEO: **Atividade de estudo e desenvolvimento humano: a metodologia do duplo movimento no ensino.** May 2021.

DAVIDOV, V. V. **Uma nova abordagem para a interpretação da estrutura e do conteúdo da atividade.** In: HEDEGARD, M.; JENSEN, U. J. Activity theory and social practice: cultural-historical approaches. Dinamarca: Aarhus University Press, 1999.

DAVIDOV, V. V. **A concepção de atividade de estudo dos alunos.** In: PUENTES, R. V.; MELLO, S. A. (Org.). Teoria da atividade de estudo: livro II: contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Uberlândia: EDUFU, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/edufu-978-85-7078-506-0>

DAVYDOV, V. V. SLOBODCHIKOV, V.I.; TSUKERMAN, G.A. **O aluno das séries iniciais do ensino fundamental como sujeito da atividade de estudo.** Journal of Russian and East European Psychology, 2003. Artigo. Mimeografado.